

## Letras do Cemitério Luterano de Curitiba (1858–1950): expressões da imigração germânica

*Letras del Cementerio Luterano de Curitiba (1858–1950): Expresiones de la Inmigración Alemana*

*Letters of the Lutheran Cemetery of Curitiba (1858–1950): Expressions of German Immigration*

Bruno Vieira, Priscila Lena Farias

tipografia memorial; cemitério luterano; design.

Este artigo analisa as características tipográficas das inscrições funerárias do Cemitério Luterano de Curitiba (1858–1950), destacando sua relação com a memória e a identidade cultural dos imigrantes germânicos protestantes no Brasil. Por meio de um levantamento sistemático das lápides, a análise foca na identificação de estilos tipográficos predominantes, como inscrições serifadas, sem serifa e góticas, e suas associações com os materiais utilizados, idiomas e gêneros dos sepultados. Os resultados evidenciam a predominância de inscrições sem serifa, o uso do estilo gótico para destaque e a ausência de diferenças tipográficas entre os gêneros.

*tipografía memorial; cementerio luterano; diseño.*

*Este artículo analiza las características tipográficas de las inscripciones funerarias en el Cementerio Luterano de Curitiba (1858–1950), destacando su relación con la memoria y la identidad cultural de los inmigrantes protestantes alemanes en Brasil. A través de un levantamiento sistemático de las lápidas, el análisis se centra en identificar los estilos tipográficos predominantes, como inscripciones con serifa, sin serifa y góticas, y sus asociaciones con los materiales utilizados, los idiomas y los géneros de los sepultados. Los resultados evidencian la predominancia de inscripciones sin serifa, el uso del estilo gótico para resaltar el texto y la ausencia de diferencias tipográficas entre géneros.*

*memorial typography; Lutheran cemetery; design*

*This article analyzes the typographic characteristics of the funerary inscriptions in the Lutheran Cemetery of Curitiba (1858–1950), highlighting their relationship with the memory and cultural identity of German Protestant immigrants in Brazil. Through a systematic survey of the tombstones, the analysis focuses on identifying predominant typographic styles, such as serif, sans-serif, and Gothic inscriptions, and their associations with the materials used, languages, and genders of the deceased. The results highlight the predominance of sans-serif inscriptions, the use of the Gothic style for emphasis, and the absence of typographic differences between genders.*

## 1 Introdução

A tipografia memorial, entendida como as inscrições fúnebres presentes em espaços urbanos como cemitérios, é um campo de estudo que integra aspectos gráficos, culturais e históricos. No contexto dos cemitérios protestantes no Brasil, especialmente aqueles ligados à imigração germânica, as inscrições tipográficas em lápides e monumentos funerários revelam práticas culturais e identitárias. O Cemitério Luterano de Curitiba no Paraná, fundado em 1857, é um exemplo emblemático desse fenômeno, servindo como testemunho das lutas pela secularização dos espaços funerários e da resistência cultural dos imigrantes germânicos frente à predominância católica no país (Rezende, 2007).

As inscrições tipográficas presentes nesses espaços, muitas vezes em alemão e com o uso de estilos como a letra gótica, refletem não apenas a fé e os valores religiosos dos imigrantes, mas também um apego às tradições culturais e linguísticas trazidas da Europa (Araújo, 2015). Essas práticas tipográficas, que compõem a chamada tipografia memorial, são parte integrante da paisagem gráfica desses cemitérios, revelando histórias e identidades que merecem ser estudadas sob a ótica do design e da memória gráfica.

Este artigo tem como objetivo identificar as características tipográficas predominantes nas inscrições funerárias do Cemitério Luterano de Curitiba, documentando sua recorrência no período de 1858 a 1950 e analisando como essas inscrições refletem aspectos culturais dos imigrantes germânicos. A partir de uma abordagem interdisciplinar, busca-se contribuir para a compreensão das práticas tipográficas e funerárias que moldaram a paisagem gráfica desses espaços, destacando sua relevância como patrimônio cultural e histórico.

## 2 Imigração germânica

No século XIX, as condições de vida na antiga Prússia se tornavam cada vez mais difíceis, o que ocasionava a busca de novas possibilidades nas Américas (Willems, 1946). Buscando atrair europeus para povoar a região Sul do Brasil, o governo imperial brasileiro, durante o reinado de Dom Pedro I, adotou estratégias para estimular a imigração. Essas iniciativas foram amplamente divulgadas, prometendo terras e oportunidades de prosperidade aos imigrantes (Priori *et al.*, 2012).

Em 1824, chegou ao Brasil a primeira leva de famílias germânicas (Gregory, 2007). O movimento migratório atingiu seu auge na metade do século XIX, período de maior crescimento no número de germânicos que chegaram ao país (Tabela 1). Ressalta-se que, nesse período, a Alemanha ainda não era um país unificado; a unificação dos estados germânicos ocorreu somente em 1871.

Na década de 1820, a população da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atualmente o estado do Rio Grande do Sul, era bastante pequena. A região apresentava pouca produção de alimentos e estrutura militar limitada, o que a tornava vulnerável a possíveis invasões. Em resposta, estratégias do governo imperial incentivaram a chegada de imigrantes

germânicos como uma forma de fortalecer economicamente e proteger o território (Senado Federal, 2024), sendo a cidade de São Leopoldo (RS) destaque como um dos primeiros núcleos de colonização germânica no Brasil (Gregory, 2007).

No Paraná, os primeiros imigrantes germânicos chegaram em 1829, vindos do Rio Grande do Sul para Rio Negro, situada no interior do Paraná, a aproximadamente 100 km de Curitiba (Willems, 1946, p. 71). Naquele período, a região fazia parte da província de São Paulo, que só foi desmembrada em 1853, dando origem à província do Paraná (IBGE, 2025). A segunda leva de germânicos no Paraná ocorre em 1850, e em 1877 e 1878, chegam à província os teuto-russos, vindo da região Volga, na Rússia, segundo dados do IBGE (2000).

Tabela 1: Quantitativa da imigração germânica para o Brasil. Fonte: IBGE (2000)

| Período | Total  |
|---------|--------|
| 1824-47 | 8.176  |
| 1824-47 | 8.176  |
| 1848-72 | 19.523 |
| 1872-79 | 14.325 |
| 1880-89 | 18.901 |
| 1890-99 | 17.084 |
| 1900-09 | 13.848 |
| 1910-19 | 25.902 |
| 1920-29 | 75.801 |
| 1930-39 | 27.497 |
| 1940-49 | 6.807  |
| 1950-59 | 16.643 |
| 1960-69 | 5.659  |

A Prússia, de onde muitos desses imigrantes vieram, era um território que, embora relativamente harmônico em relação às diferentes religiões, era majoritariamente protestante, com uma minoria católica – entretanto, não estavam livres de conflitos religiosos, especialmente entre as confissões protestantes luterana e calvinista (Veyl, 2020). Willems (1946), porém, relata alguns conflitos religiosos entre os germânicos católicos e os protestantes, que se intensificava com a industrialização e a urbanização, no qual estimulava o contato entre as duas religiões.

No Brasil, Willems (1946) menciona que o imigrante germânico, que se relacionava com um Estado em conexão com a igreja evangélica, agora passa a não só entrar em contato com a cultura católica, mas também com um Estado católico, onde a religião oficial era catolicismo.

É certo que, a relação comercial luso-brasileira com a Inglaterra, os imigrantes britânicos, que também professavam uma fé diferente da católica – protestantes anglicanos, foram pioneiros em promover uma maior liberdade religiosa no começo do século XIX no Brasil (Rodrigues, 1996), o que os permitiram construir seus templos religiosos e seus próprios cemitérios, que até então, eram os proibidos sepultura nas igrejas-cemitérios. Contudo, as igrejas protestantes não podiam ter a aparência de um templo católico. Caso semelhante aconteceu com os luteranos, como narra Willems (1946) um ocorrido em 1887 no Rio Grande do Sul, no qual o chefe da polícia na província ordenou o fechamento de uma igreja por ela ter

uma torre em sua arquitetura. Assim como os britânicos, os germânicos também eram barrados de terem sepulturas em igrejas e cemitérios católicos.

Na cidade do Recife, Mello (1972) relata o caso do imigrante Otto Plessmann, nascido na cidade de Schwerin, na Alemanha, que faleceu em 1888 e foi levado ao Cemitério da Várzea. Apesar de ser seu desejo ser sepultado no local e de o cemitério contar com espaços reservados para acatólicos, seu sepultamento foi negado no interior do recinto. Plessmann acabou sendo enterrado do lado de fora, junto ao muro do cemitério.

Embora não tivesse uma filiação formal a uma igreja, Plessmann era cristão, e sua esposa e filhos eram católicos, o que deveria permitir sua inclusão no cemitério (Mello, 1972). O episódio, contudo, reflete o preconceito predominante da época, no qual imigrantes germânicos eram frequentemente associados ao protestantismo, levando à exclusão mesmo em contextos que poderiam sugerir maior aceitação, como a ligação de sua família com o catolicismo.

A repercussão do caso foi impulsionada por jornais locais que combatiam a exclusão imposta pela igreja católica na cidade, denunciando o tratamento recebido aos não-católicos. Como resultado, os restos mortais de Plessmann foram exumados e transferidos para o Cemitério Britânico da capital pernambucana (Mello, 1972), reafirmando a importância de espaços cemiteriais destinados para imigrantes acatólicos.

Fundado em 30 de setembro de 1857, o Cemitério Luterano de Curitiba é um testemunho das práticas funerárias dos imigrantes germânicos no sul do Brasil. Sendo o segundo mais antigo cemitério da capital paranaense, sua origem remonta a este período de desafios entre os católicos e os protestantes da região. Segundo a Câmara Municipal de Curitiba (2024), os protestantes ali residentes que faleciam, só podiam ser sepultados no Cemitério Público, atualmente chamado de Cemitério Municipal São Francisco de Paula (construído em 1854) se fossem convertidos ao catolicismo, o que desencadeou reivindicações para que fosse construído um cemitério próprio dos protestantes. E em 1857, foi então sepultado o primeiro protestante no novo cemitério de Curitiba, o Johann Friedrich Prohmann.

Rezende (2007, p. 33) explica que “a origem dos cemitérios protestantes no Brasil está ligada à própria luta de secularização dos cemitérios brasileiros e à proibição do sepultamento dos acatólicos”. Em muitos desses cemitérios, aceitavam-se imigrantes de diferentes nacionalidades e até mesmo pessoas de outras religiões, como judeus. Essa diversidade contribuiu para que esses espaços se tornassem, atualmente, patrimônios culturais marcados por uma rica paisagem gráfica, composta por imagens escultóricas e inscrições tipográficas variadas.

As inscrições tipográficas, muitas vezes em alemão, refletem não apenas a devoção e os valores religiosos dos luteranos, mas também um apego à língua materna e às tradições tipográficas trazidas da Europa. Segundo o historiador Thiago Araújo (2015), no contexto dos cemitérios alemães do Rio Grande do Sul, os migrantes preservavam aspectos culturais de sua terra de origem até mesmo no estilo tipográfico usado nos epitáfios, que frequentemente apresentavam letras góticas.

Neitzke (2020) destaca que os cemitérios brasileiros passaram por mudanças significativas entre os séculos XIX e XX, como a introdução de novos materiais e a simplificação dos adornos nos túmulos. Apesar disso, ainda há lacunas no entendimento das características tipográficas presentes nas lápides de cemitérios de origem germânica e confissão protestante luterana, bem como das transformações ocorridas ao longo do tempo na chamada tipografia memorial.

### 3 Método de pesquisa

Como procedimento metodológico, foi realizada uma pesquisa de campo no período de abril de 2024 e consistiu no registro fotográfico de 147 lápides, incluindo túmulos familiares que apresentam várias placas mortuárias. Entre os túmulos analisados, a data mais antiga registrada é de 1858, enquanto o maior quantitativo de lápides remonta ao século XX.

Os dados coletados foram organizados por meio do Formulário do Google<sup>1</sup>, permitindo o registro detalhado de informações relevantes de cada lápide analisada, e em seguida, a planilha gerada através do Formulário, foi anexada ao Notion<sup>2</sup>, o que permite uma visualização mais intuitiva dos dados. Entre os aspectos documentados por meio do formulário estão:

- Nome do falecido;
- Gênero: feminino, masculino, e não identificado;
- Data do falecimento (aproximando com uma possível data de construção do túmulo);
- Número de sepultados (inscrições individuais ou compartilhadas em uma única lápide);<sup>3</sup>
- Tipologia tumular (Fig. 1): túmulo interno, túmulo externo, jazigo capela, mausoléu e ossuário;
- Material construtivo do túmulo e das letras: alvenaria, metal, granito e mármore;
- Idioma das informações contidas na lápide<sup>4</sup>;
- Disposição das letras (Fig. 2): linear, curvilínea, diagonal, horizontal curvilínea e vertical;
- Famílias tipográficas: serifadas, sem serifa, display, cursiva e gótica;
- Uso ortográfico: caixa alta, caixa baixa, caixa alta e baixa, e versal/versalete;
- Alinhamento do texto: esquerda, direita e centralizado;
- Relevo: alto, baixo e plano (referente às textos pintados, impressos etc.);
- Inclinação das inscrições: normal e itálica.

---

<sup>1</sup> Plataforma virtual para gerenciamento de pesquisa e coleta de informações

<sup>2</sup> Plataforma virtual para organização e anotação de atividades

<sup>3</sup> Este aspecto refere-se ao número de pessoas mencionadas na lápide, diferenciando-se do conceito de túmulo familiar ou coletivo.

<sup>4</sup> Com exceção de lápides que contém apenas o nome do falecido e datas em formato de número.

Figura 1: Ilustrações de tipologias tumulares. Fonte: Vieira (2023).

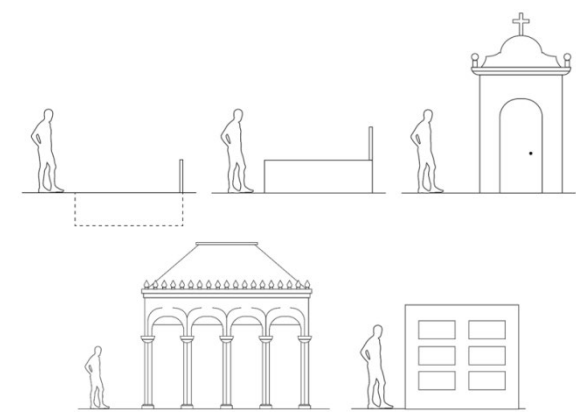


Figura 2: Ilustração das disposições de inscrições. Fonte: Vieira (2023).



Esses dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa, com o auxílio de gráficos gerados pelo próprio formulário, mas também com auxílio de planilhas como do Notion (Fig. 3) e registros fotográficos, para identificar padrões visuais e nas inscrições.

Figura 3: Planilha no Notion com dados obtidos. Fonte: os autores.

| ≡ | Gênero    | #         | Ano de ... | # | Númer... | 📍 | Tipologia tumular | ≡ | Material constru... | 📍 | Material constr... | 📷 | Foto                                                        | 🌐 | Idioma    |
|---|-----------|-----------|------------|---|----------|---|-------------------|---|---------------------|---|--------------------|---|-------------------------------------------------------------|---|-----------|
|   | Masculino |           | 1924       |   | 1        |   | Túmulo interno    |   | Alvenaria           |   | Metal              |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Feminino  |           | 1917       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | português |
|   | Feminino  |           | 1917       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Granito             |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Feminino  |           | 1915       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Masculino |           | 1918       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Feminino  | Masculino | 1919       |   | 2        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | português |
|   | Masculino |           | 1924       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Feminino  |           | 1888       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Feminino  |           | 1924       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Masculino |           | 1930       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Masculino |           | 1912       |   | 2        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Feminino  |           | 1937       |   | 1        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | alemão    |
|   | Masculino |           | 1931       |   | 2        |   | Túmulo externo    |   | Alvenaria           |   | Mármore            |   | <a href="https://drive.googl...">https://drive.googl...</a> |   | português |

## 4 Resultados e discussão

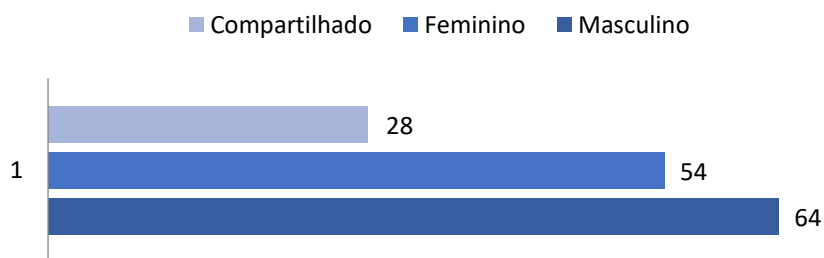
Das 147 lápides analisadas, 12 pertencem ao século XIX, datando de 1858 a 1900, e 135 ao século XX, no recorte de 1901 a 1950. É importante destacar que algumas lápides do século XX, compartilhadas entre mais de um indivíduo, também apresentam datas do século anterior.

Quando uma lápide é compartilhada por mais de uma pessoa e contém datas de falecimento de diferentes períodos, considera-se a data mais recente para determinar o período de produção. Isso se deve ao fato de que, em geral, as lápides são confeccionadas no momento do falecimento mais recente. Assim, mesmo que uma das datas pertença ao século XIX, se há uma data do século XX, presume-se que a lápide tenha sido produzida no século XX, refletindo os estilos e práticas desse período. Entre as cinco categorias de famílias tipográficas previstas no formulário, apenas localizou-se três categorias no cemitério luterano, entre elas: as serifadas; sem serifas; e as góticas.

No século XIX, apenas uma lápide apresenta informações em inglês, enquanto as demais estão em alemão. No século XX, foram identificadas 86 lápides em alemão, 16 em português e 5 em inglês.

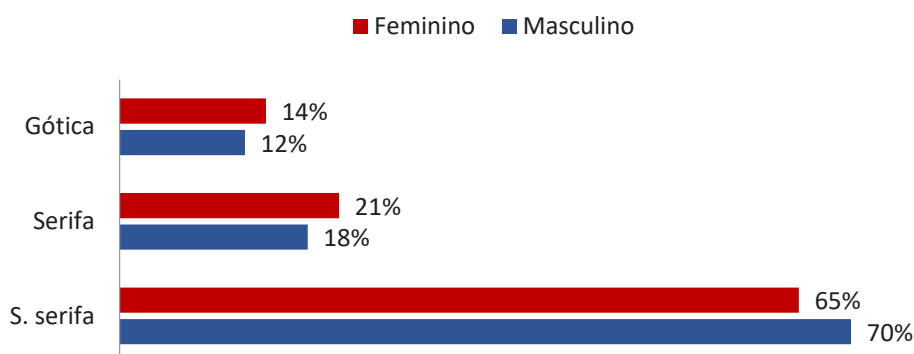
Quanto ao gênero, 64 lápides pertencem a indivíduos do gênero masculino, sendo duas compartilhadas onde apenas o gênero de uma das pessoas foi identificável, devido ao desgaste das letras que tornavam as demais informações ilegíveis. Para o gênero feminino, foram identificadas 54 lápides, além de 28 lápides compartilhadas entre ambos os sexos (Gráfico 1). Uma lápide não permitiu a identificação do gênero, embora esteja associada a apenas uma pessoa.

Gráfico 1: Quantitativo de lapides distribuídas por gêneros. Fonte: os autores.



A análise revelou que as tipografias sem serifas predominam tanto em lápides masculinas quanto femininas, apresentando uma distribuição semelhante entre os gêneros, como ilustra o Gráfico 2. No grupo masculino, 70% das lápides (52) utilizam tipografias sem serifas, enquanto 18% (13) são serifadas e 12% (9) góticas. No feminino, as tipografias sem serifas aparecem em 61% das lápides (41), seguidas por serifadas em 21% (13) e góticas em 14% (9). Assim, observa-se uma preferência geral pelas tipografias sem serifas, com pequenas variações entre os gêneros.

Gráfico 2: Distribuição das famílias tipográficas em comparação aos gêneros dos falecidos. Fonte: os autores.



Vale ressaltar que, das 147 lápides analisadas, 21 apresentam mais de um estilo tipográfico, o que equivale a aproximadamente 14% do total.

As inscrições sem serifas são predominantes, presentes em 119 lápides (Fig. 4), sendo 114 em alto relevo, 4 em baixo relevo e 1 combinando ambos. Entre as inscrições nesse estilo, 12 utilizam placas metálicas e 70 são em mármore. Todas as 16 inscrições em português são sem serifas, com uma mesclando também inscrições serifadas. Em inglês, 5 lápides utilizam exclusivamente tipografias sem serifas.

Figura 4: Inscrições sem serifas no Cemitério Luterano<sup>5</sup>. Fonte: Bruno Vieira.



As inscrições serifadas foram identificadas em 29 lápides, sendo que 20 delas também apresentam letras góticas, e 1 combina inscrições serifadas e sem serifas. Apenas 8 lápides utilizam exclusivamente tipografias serifadas.

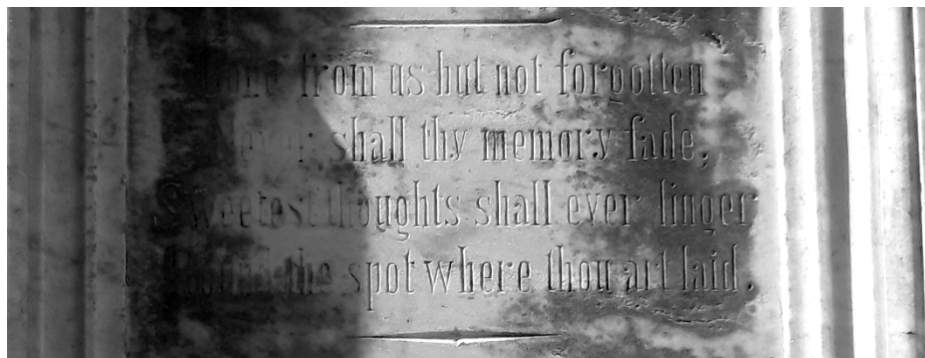
A maior parte das inscrições serifadas (26) está em baixo relevo, 2 em alto relevo e 1 combina ambos os tipos. Em relação ao idioma, apenas 1 lápide em português mescla serifas e sem serifas (Fig. 5), e 1 inscrição em inglês é serifada (Fig. 6). Os materiais utilizados incluem 2 placas metálicas e 26 lápides de mármore.

<sup>5</sup> As fotografias apresentadas neste artigo foram recortadas para manter a privacidade dos nomes dos falecidos e das famílias que os homenagearam.

Figura 5: Inscrições serifadas e sem serifa em alto e baixo relevo no Cemitério Luterano. Fonte: Bruno Vieira.



Figura 6: Inscrições serifadas em inglês no Cemitério Luterano. Fonte: Bruno Vieira.



As tipografias góticas foram identificadas em 20 lápides, todas em combinação com inscrições serifadas (Fig. 7). Este estilo é frequentemente utilizado para destacar informações importantes, como nomes dos falecidos, enquanto as demais informações aparecem em serifas.

Todas as inscrições góticas estão em baixo relevo e exclusivamente no idioma alemão. Quanto ao material construtivo, 19 inscrições góticas foram feitas em mármore, e um outro túmulo não foi possível identificar com exatidão o material construtivo onde se estava inserido as letras, porém, o seu aspecto se assemelha com gravações em alvenaria.

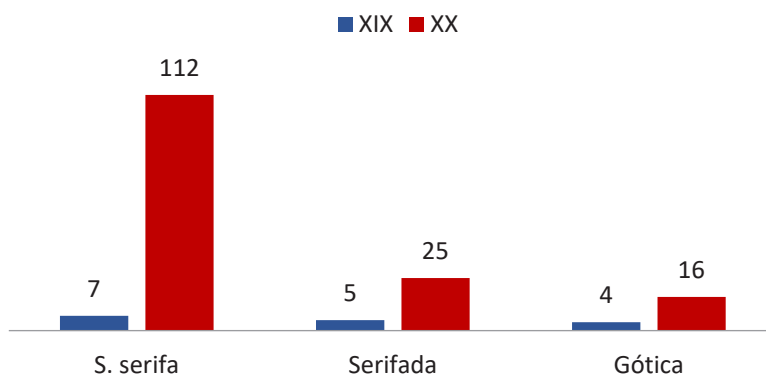
Figura 7: Inscrições góticas no Cemitério Luterano. Fonte: Bruno Vieira.



No século XIX, as inscrições tipográficas se distribuíram da seguinte forma: 25% góticas, 31% com serifa e 44% sem serifa. Isso indica uma presença significativa da tipografia tradicional com serifa e do estilo gótico, refletindo influências da cultura germânica da época.

No século XX, a distribuição mudou: 11% das inscrições passaram a ser góticas, 16% mantiveram a serifa e 73% adotaram a tipografia sem serifa (Gráfico 3). Essa mudança revela uma tendência de simplificação e modernização da tipografia ao longo do tempo, acompanhando os movimentos artísticos e gráficos, como o modernismo e a funcionalidade das letras sem serifa. Clair e Busic-Snyder (2009) explicam que o início do século XX um movimento contemporâneo no design de tipos influenciado pela Bauhaus e do De Stijl, assim, a tipografia sem serifa se contrapõe ao excesso tipográfico do século XIX. Quanto às inscrições góticas, que evoluíram dos documentos manuscritos da Alemanha do século XV (Clair; Busic-Snyder, 2009), refletem a identidade cultural dos falantes do alemão inserido no espaço funerário, que vão além dos impressos em tradicionais, mas ganham a paisagem dos espaços que até os dias atuais é comumente usada em cidades brasileiras com grande número de ascendentes germânicos, como por exemplo, os pórticos de algumas cidades da região Sul. Meggs e Purvis (2009, p. 415) mencionam que até o início do século XX “grande parte da impressão alemã ainda usava tipos góticos, texturas medievais e leiaute simétrico”, aqui observa-se que esse gosto pelas letras góticas não ficariam apenas em impressos, mas também ganham os cemitérios.

Gráfico 3: Distribuição das famílias tipográficas em comparação aos séculos XIX e XX. Fonte: os autores.



A análise das inscrições tipográficas mostrou que todas as lápides apresentam textos dispostos de forma linear, com exceção de dois túmulos que incluem textos em disposição curva (Fig. 8). No uso ortográfico, os textos em caixa alta predominam amplamente, sendo encontrados em 112 túmulos. Em seguida, aparecem combinações de caixa alta e baixa em 27 túmulos, versaletes em 24 túmulos, e, por fim, texto exclusivamente em caixa baixa, registrado em apenas 1 lápide, que finaliza o epitáfio com a frase 'ruhe sanft'<sup>6</sup>.

Figura 8: Inscrições em disposição curva e linear no Cemitério Luterano. Fonte: Bruno Vieira.



Em relação ao alinhamento, os textos centralizados são os mais comuns, presentes em 144 túmulos. Já o alinhamento à esquerda foi identificado em 9 túmulos, enquanto o alinhamento à direita ocorreu em 4 casos. Esses dados evidenciam tendências estilísticas e funcionais que marcaram as inscrições funerárias no período analisado.

## 5 Considerações finais

A análise das inscrições tipográficas no Cemitério Luterano de Curitiba revelou padrões que vão além das escolhas visuais, representando aspectos culturais, religiosos e memoriais dos imigrantes germânicos protestantes no Brasil. Farias e Braga (2018) destacam que o estudo da memória gráfica ajuda a compreender como a sociedade seleciona e cria formas visuais que refletem sua identidade. Na pesquisa, observou-se que, embora as inscrições em estilo gótico sejam menos numerosas em relação às sem serifas, elas continuam sendo expressões significativas da cultura identitária germânica, presentes não apenas em impressos, mas também em monumentos funerários.

O uso do idioma alemão nos epitáfios e a presença de textos como versículos bíblicos reforçam a conexão com o local de origem e a identidade religiosa dos imigrantes e seus descendentes. Esses elementos evidenciam o papel das inscrições funerárias como registros de memória e identidade cultural, servindo tanto como testemunhos individuais de luto quanto

---

<sup>6</sup> Significa em português 'descanse em paz' (tradução nossa).

como representações coletivas que integram a paisagem tipográfica e o patrimônio gráfico dos cemitérios protestantes.

Ao comparar os dois períodos, observa-se que a tipografia sem serifa se tornou dominante no século XX, enquanto os estilos mais ornamentados perderam espaço. Essa transição reflete não apenas mudanças visuais, mas também possíveis transformações nos materiais disponíveis e na influência cultural sobre as práticas funerárias da comunidade.

A classificação de alguns materiais construtivos foi dificultada pela ausência de conhecimento técnico específico, aliada a fatores como o desgaste das lápides, intervenções humanas ou limitações de acesso que comprometeram uma análise mais detalhada. Apesar disso, essas restrições não prejudicam os objetivos gerais da pesquisa.

Os resultados obtidos fornecem uma base para comparações com outros contextos migratórios, como os de grupos germânicos e britânicos, além de abrir novas perspectivas para investigar o diálogo entre o design das inscrições tipográficas e o ambiente cemiterial.

### Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2024/05681-0.

### Referências

- Araújo, T. N. (2015). *O que amamos, não esquecemos: um estudo teológico, identitário e cultural dos cemitérios teutos no sul do Brasil* (Tese de doutorado, Faculdades EST).
- Brasil. Senado Federal. (2024). *Senado celebrará os 200 anos da imigração alemã em sessão especial*. <https://www.senado.leg.br/projetos/1234/2025>
- Câmara Municipal de Curitiba. (n.d.). *A vida e a morte na história de Curitiba*. <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/nossa-memoria/os-manuscritos/noticias-de-os-manuscritos/a-vida-e-a-morte-na-historia-de-curitiba>
- Clair, K., & Busic-Snyder, C. (2009). *Manual de tipografia: a história, a técnica e a arte*. Bookman.
- Farias, P. L. (2016). *Estudos sobre tipografia: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas* (Tese de livre-docência, Universidade de São Paulo).
- Farias, P. L., & Braga, M. C. (Orgs.). (2018). *Dez ensaios sobre memória gráfica* (1ª ed.). Blucher.
- Gregory, V. (2007). Imigração alemã: formação de uma comunidade teuto-brasileira. In IBGE (Ed.), *Brasil: 500 anos de povoamento* (pp. 141–157).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2025). *História & fotos: Paraná*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/historico>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2000). *Território brasileiro e povoamento: alemães*. <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/alemaes.html>
- Meggs, P., & Purvis, A. (2009). *História do design gráfico*. Cosac Naify.
- Mello, J. A. G. (1972). *Ingleses em Pernambuco*. Universidade Federal de Pernambuco.

- Neitzke, L. F. (2020). *História e arte funerária dos cemitérios São José, em Porto Alegre*. Editora Oikos.
- Priori, A., Pomari, L. R., Amâncio, S. M., & Ipólito, V. K. (2012). A imigração. In *História do Paraná: séculos XIX e XX* (pp. 35–46). Eduem.
- Rezende, E. (2007). *Cemitérios*. Necrópolis.
- Rodrigues, C. (1996). *Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro*. Biblioteca Carioca.
- Vey, R. S. B. (2020). Diálogos do político na Prússia ilustrada: a religião no contexto histórico de Kant e Herder. *Prometheus – Journal of Philosophy*, (34), 285–310.
- Vieira, B. (2023). *Design e patrimônio cemiterial: tipografias e imagens nos cemitérios dos ingleses no Nordeste* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Campina Grande).
- Willems, E. (1980). *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil* (2ª ed., pp. 38–39). Ed. Nacional.

### **Sobre os autores**

Bruno Vieira, Doutorando, USP, Brasil <ibrunovieiras@gmail.com>

Priscila Lena Farias, Dra, USP, Brasil <prifarias@usp.br>